



SEMINÁRIO NACIONAL 2026

FÓRUM MUDANÇAS CLIMÁTICAS E JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL

15 ANOS DO FMCJS: Ecologia Integral em Rede construindo a sociedade do Bem Viver

CARTA PÚBLICA

O FMCJS está celebrando 15 anos de caminhada, e o Seminário Nacional, realizado entre os dias 23 e 27 de fevereiro em Brasília, tem sido encontro de alegria e, ao mesmo tempo, de profunda inquietação.

A avaliação dos 15 anos confirmou que sua atuação contribuiu significativamente na multiplicação de práticas populares que provam ser possível construir um mundo centrado na vida, um mundo capaz de deixar de lado as práticas de uma economia que busca um crescimento econômico capitalista sem fim num mundo finito. Celebramos a certeza de que estas práticas populares são responsáveis pela vida da maioria absoluta da população do nosso país e do mundo e, ao mesmo tempo, são cuidadoras das condições naturais e culturais que tornam possível a vida.

Dois acontecimentos aumentaram a alegria e confirmaram a força das organizações populares: a revogação do decreto 12.600/25, uma conquista dos povos da Amazônia que se mobilizaram contra a privatização dos rios Madeira, Tapajós e Tocantins, e a condenação dos mandantes e executores do assassinato da vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco. Temos certeza de que Frei Sérgio Gorgen, Célio Maranhão, Célio Bermann, Helia Kamaruara e outros/as companheiros/as que entraram no mundo dos encantados nos últimos dias reforçaram as lutas que levaram a essas vitórias. Que nossos ancestrais nos abençoem sempre!

Mas a constatação de que os sinais e apelos da Mãe Terra foram desprezados pelos senhores do sistema econômico que comprovadamente destrói o seu equilíbrio climático gerou profunda indignação. Além de continuar desenvolvendo práticas exploradoras, predadoras e contaminadoras dos ambientes naturais, investiram pesadamente na geração e difusão de notícias falsas com o objetivo de negar suas responsabilidades em relação à emissão de gases de efeito estufa, ao aumento do aquecimento global, ao agravamento das mudanças climáticas. E teimam em inverter a verdade dos fatos, apresentando-se, através da perversão de conceitos e difusão de fake news, como atores de um *desenvolvimento sustentável*. Sua defesa absoluta da concentração da riqueza e renda como se fosse um direito e mediação necessária para manter a vida não passa, na verdade, da demonstração cínica de sua indiferença em relação à vida do e no planeta Terra.

Maior ainda é a perversidade presente nas estratégias dominantes de naturalizar o que vai sendo denominado *ansiedade climática*, especialmente de jovens, e de que o seu enfrentamento seria responsabilidade individual a ser tratada como desequilíbrio psicológico. Na verdade, a saúde das pessoas está ligada à consciência crítica e ao enfrentamento coletivo das práticas e políticas contrárias à vida.

A COP 30 foi, provavelmente, a demonstração final de que as elites mundiais não assumirão suas responsabilidades em relação à tragédia climática que provocaram e agravam por meio do aprofundamento da financeirização da vida e da natureza, afetando a situação dos povos e territórios e reduzindo tudo a mercadoria.

No contraponto, a COP popular, denominada Cúpula dos Povos, em que participamos, denunciou a dívida ecológica e climática e as falsas soluções apresentadas pelo mercado autodenominado “verde”, e proclamou que o enfrentamento dessa tragédia é ancestral e que os modos de vida dos povos originários e comunidades tradicionais são o caminho de seu enfrentamento e da construção de sociedades de Bem Conviver.

A Mãe Natureza não gera desastres. Ela sofre por causa das agressões que mexem com seu sangue de mãe parturiente, geradora incansável e amorosa de novas e diversificadas vidas. É isso que os participantes do

Seminário vindos dos biomas Pampa, Mata Atlântica, Costeiro Matinho, Caatinga, Cerrado, Pantanal e Amazônia e seus corredores bioculturais testemunharam.

Todos estes territórios vivos e fontes de vida estão sendo agredidos pela violência praticada pelas empresas gananciosas por mais riqueza que rasgam o seu seio em busca de minérios, inclusive o perigoso urânio e as novatas terras raras, e de petróleo e outras fontes fósseis de energia. Mais terrível ainda é que sua ganância as leva a buscar essas fontes de produção de mercadorias no fundo do mar, em profundidades que ultrapassam a camada de sal.

De todos os biomas veio a denúncia do avanço das empresas de agronegócio voltadas à exportação de soja, carne, milho e outras commodities. Não satisfeitas com a derrubada e queima de florestas do Cerrado e da Amazônia para aumentar as áreas de monoculturas, a contaminação de solos, água e ar, exigem a privatização dos rios Madeira, Tapajós, Tocantins, na Amazônia, e o Paraguai, no Pantanal, para aumentar a velocidade da exportação. Soma-se a isso a instalação de Pequenas Centrais Hidrelétricas, apressando a morte dos rios e de todos os seres que deles dependem, bem como de fazendas solares e torres de exploração dos ventos para produzir energia de forma centralizada para venda como mercadoria, e ser utilizada para instalação de Data Centers e produção do mal denominado “hidrogênio verde”. A ganância é tanta que já estão sendo anunciadas pequenas unidades de energia nuclear na Amazônia, somando-se ao absurdo de retomada da usina Angra 3, no Rio de Janeiro.

O aumento da presença de facções de narcotráfico e milícias reforça estas práticas agressivas e aumenta a perseguição e as ameaças à vida dos defensores e defensoras dos direitos dos povos e pessoas, dos rios, da floresta e de toda a Natureza.

Frente a isso, foram acolhidas com profunda alegria as notícias de boas práticas que combatem essas agressões à Mãe Terra com todos os seus seres vivos.

Avançaram significativamente a consciência da urgência e as práticas de defesa dos direitos da Natureza que acolhe todos os seres vivos nos territórios dos sete biomas e corredores bioculturais. Todas as mobilizações que enfrentam as práticas agressivas das empresas capitalistas sempre anunciam que elas devem ser substituídas por práticas que tenham em comum avançar na construção de comunidades e sociedade de Bem Conviver.

Diante da realidade e das ameaças de falta de água para a vida no campo e nas cidades, são vitais as lutas pelo direito dos rios e pelo direito humano e dos animais à água. As iniciativas que lutam contra a construção de Data Centers e outras empresas consumidoras de grande quantidade de água, bem como as que defendem os direitos dos rios, das nascentes de água, são anúncios de que sem água não há vida. Os novos passos da estratégia de convivência com o Semiárido brasileiro, como a incorporação da meta de 1 Milhão de Tetos Solares, tem seu fundamento na construção de mais de 1 milhão de cisternas de coleta de água da chuva para beber e cozinhar e de centenas de milhares para a produção básica de alimentos.

As iniciativas de defesa dos defensores de direitos da natureza e de todos os seres vivos, especialmente das mulheres, sinalizam que, para nós, todas as formas de vida são sagradas e denunciam que os perseguidores servem a um ídolo: a propriedade, o capital, a riqueza, que exige o sacrifício de seres vivos e da Mãe Terra.

Em todas as práticas, nos biomas e em âmbito nacional, o FMCJS prioriza a formação, com socialização de conhecimentos e capacitação coletiva, buscando avanços na consciência crítica e nas motivações que nos mantêm firmes no enfrentamento do colapso climático a serviço da vida.

Convidamos a todas as pessoas que partilham nossa caminhada a levarem a sério que estamos num ano eleitoral. Precisamos somar forças para salvar a democracia no seu verdadeiro sentido popular, elegendo governantes e parlamentares comprometidos com a construção participativa de políticas públicas promotoras de processos de mudanças estruturais centradas na vida da Mãe Terra com todos os seus filhos e filhas da atual e futuras gerações.

Brasília, fevereiro de 2026

Realização:



Fórum
Mudanças Climáticas
e Justiça Socioambiental

Apoio:

MISEREOR
• IHR HILFSWERK

